



Entrevista com a professora Ada Dencker

Realizada em: 10 de maio de 2017

Pesquisa e roteiro: Alice Melo

Entrevistadores: Ana Paula Goulart e Cláudio Ornellas

Transcrição: Helio Cantimiro

Edição: Cláudio Ornellas

Diga seu nome completo, o local e a data de nascimento, por favor.

Meu nome é Ada de Freitas Maneti Dencker. Eu nasci em Caçapava (SP), em 22 de junho de 1944.

E qual é o nome dos seus pais e a formação deles?

Meu pai, Aldo Maneti, estudou Medicina, mas não trabalhou como médico, trabalhou como economista. Minha mãe era Hilda Freitas Maneti, dona de casa. Essa era a formação deles.

Qual foi a sua formação: o que e onde você estudou?

A minha formação foi feita com vários intervalos. Primeiro, eu fiz, como curso base, a Escola Normal. Em seguida, eu entrei no curso de Ciências Sociais da PUC e me formei exatamente em 1965. Eu era monitora, instrutora da cadeira. Eu nem tinha como continuar estudando, porque a maioria dos professores tinha sido caçada ou mandada embora. Estava uma confusão danada naquela época. Eu fiz tudo na carreira acadêmica: eu fui monitora, instrutora, professora auxiliar... Então, comecei dali a trabalhar como professora, como docente e como pesquisadora. Eu era chefe do Setor de Pesquisa e Documentação da Federação das Indústrias do Estado São Paulo [Fiesp]. Fiquei até 1971. Eu me desliguei, pedi uma licença da universidade, fui para a Alemanha. A situação não era legal. Meu marido teve uma proposta. E eu não falava uma palavra de alemão.



Pelo sobrenome, achamos que poderia...

Hoje, eu falo alemão, mas eu não falava nada de alemão, não tinha filhos, e fui embora. Na Alemanha, eu virei dona de casa, mãe e aprendi alemão. Aí que eu fui aprender. E, gente, foi muito difícil. Apesar de eu ter adorado morar na Alemanha. Mas era uma época em que a Alemanha não era o que é hoje. Naquela época, a Alemanha era muito machucada ainda. Ainda havia muitos resquícios... Eu morava na fronteira com a Holanda, e tinha um mercado ótimo do lado da Holanda. Eu pegava, atravessava a fronteira e ia comprar. Os alemães não iam, eles não passavam para o outro lado. Eles tinham medo ainda de hostilidade, e a gente notava muita gente em cadeira de rodas, sabe? Tinha uma marca muito grande.

Ainda da guerra?

Da guerra. A Alemanha era ocupada pelos americanos quando eu estava lá. No clube de tiro que eles tinham na Alemanha o pessoal era proibido de portar armas. Então, quando eles faziam festas populares, eles iam com um galho de árvore no ombro, em vez de levar espingarda. As coisas não eram tão fáceis para eles como a gente pensa que eram. A gente vê a Alemanha hoje, é outro mundo. Era uma Alemanha dividida. Era bem diferente a situação. Depois, eu tive meu filho lá, tive a minha filha, voltei ao Brasil. No começo, não voltei a estudar. Fiz uma pausa. Em 1985, eu fui fazer mestrado na ECA [Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo]. Aí eu encontrei uma pessoa maravilhosa, a professora doutora Sara Da Viá, que era professora de metodologia da pesquisa, bem a minha área. Eu sempre tinha trabalhado com pesquisa. E apresentei um projeto, na época ainda influenciada pelos índices que eu tinha construído na Fiesp para o projeto... O primeiro projeto que eu tinha feito tinha sido aquele de nível de emprego industrial – na década ainda de 1960 – e que, quando caía, a gente era proibido de dar o dado, apesar de ser Fiesp. Não pensem que não tinha censura até mesmo para órgãos como a Fiesp. Tinha. A gente chegou a ser chamado em comissão parlamentar de inquérito – por causa do índice do nível de emprego que nós fazíamos – quando caía o emprego.

Já quando o índice era positivo...

É, tinha que esperar subir. Aí você dizia que subiu zero vírgula não sei quanto por cento. Naquela época, trabalhava também na Fiesp o Pastore, o Delfim Netto era do Departamento de Economia. Então, aquele povo todo acabou pegando os nossos indicadores, que nós fazíamos no Departamento de Documentação, Estatística, Cadastro e Informações Industriais, e levando para a FGV [Fundação Getulio Vargas]. E, durante um tempo, a gente só coletava material. Por isso também que não senti muito de largar tudo e ir embora para a Alemanha. E aí eu resolvi virar a mesa, larguei e fui fazer Co-



municação. Entrei com um projeto, fui aceita pela doutora Sara, e ela não tentou me direcionar para nada específico. Ela me deu total liberdade. Aí eu fui fazer o curso com a Anamaria Fadul e me dei super bem com ela. Ela viu que eu tinha uma boa prática de pesquisa. O professor José Marques de Melo tinha feito um inventário da pesquisa em Comunicação no Brasil – cem anos, 1883-1983. Não tinha ordem nenhuma – nem ordem alfabética –, não tinha índice, não tinha classificação, não tinha nada. Estavam publicados todos os resumos de tudo que tinha sido achado sobre Comunicação, em diferentes áreas. E aí fui convencida a transformar no meu objeto de estudo esses quase 2 mil resumos. Eu fiz a leitura, classifiquei e criei a primeira classificação.

O professor Marques convenceu você?

E me ajudou muito também. Foi quando a gente começou a trabalhar. Porque o Portcom [Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação], naquela época, quem estava fazendo bibliografia brasileira de Comunicação era a Biblioteca da ECA-USP. E aí ele passou para mim. E a Intercom tinha uma sede na Vila Mariana naquela época. Sou daquele tempo da sede da Vila Mariana. Então, eu comecei a organizar, porque tinha um acervo muito importante na Intercom. Além de classificar todos esses abstracts – sem computador, naquela época; não tinha nada, era em caixinha de sapato –,



eu fazia a bibliografia brasileira de Comunicação. Tudo aquilo que chegava, o pessoal mandava para a Intercom. Então, eu fazia a bibliografia, que saía na revista. Comecei a trabalhar numa proposta de classificação que fosse comum para países de língua portuguesa e, se possível, espanhola. Nessa época, na época em que o professor [Gaudêncio] Torquato estava lá na Codac, Coordenadoria de Atividades Culturais, nós fizemos, começamos os encontros, buscando uma linguagem comum, e fizemos, inclusive, um encontro internacional Brasil-África-Portugal. Eu fui até Portugal – sem patrocínio nem nada –, falei com o pessoal, fui à Espanha. E conseguimos que essas pessoas viessem e nós fizéssemos o encontro. Eu comecei a fazer, e a minha dissertação de mestrado foi *A Configuração da Pesquisa em Comunicação no Brasil*. Então, eu fiquei a diretora de Documentação. A minha função ficou, na Intercom, ser diretora de Documentação. A Diretoria da Documentação era um órgão auxiliar na Intercom. Então, eu não era eleita. Eu fiquei com a Fadul, continuei com o Torquato. Eu não me lembro exatamente quando que ela se tornou eletiva. Eu recebia muitos livros lá na sede da Intercom. Lá na Vila Mariana, nós tínhamos prateleiras com livros, não sei o quê, e eu fazia a bibliografia, e fizeram um protesto porque eu estava exercendo ilegalmente a profissão de bibliotecária. Nós não tínhamos empréstimo de livros, não tínhamos nada disso. Eu simplesmente analisava as publicações e fazia um abstract, e aquilo saía na bibliografia de Comunicação para orientar. Porque não tinha o Google, as pessoas iam procurar dessa maneira. Eu estava contribuindo para a pesquisa dos outros. Aí, então, nós pedimos para uma documentalista da ECA, que se candidatou ao cargo. Nós fizemos um projeto para fazer a informatização e pedimos dinheiro para o CNPq para a gente transformar o Portcom em um órgão que realmente representasse a documentação em Comunicação no Brasil.

A primeira ideia do Portcom foi essa?

A ideia do Portcom foi justamente reunir tudo que havia sobre Comunicação, porque o campo da Comunicação não estava ainda definido. Surgiu a Escola de Comunicações e tinha gente das Ciências Sociais, tinha um pessoal de Jornalismo, tinha um pessoal de Propaganda, as pessoas de Relações Públicas. Então, ninguém sabia o que era. Tinha Turismo. Era muito complicado. Precisava organizar isso.

A ideia do Portcom foi justamente reunir tudo que havia sobre Comunicação, porque o campo da Comunicação não estava ainda definido

Antes da digitalização, já era Portcom?

Quando eu entrei, já era Portcom. E o encontro que nós fazíamos de Comunicação era o Endocom [Encontro de Informação em Ciências da Comunicação]. Então, nós fazíamos esses congressos anuais durante o congresso da Intercom. Nós fazíamos um evento paralelo. Eu fazia o Endocom, e os trabalhos de Publicidade faziam a Expocom [Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação], que era outro evento paralelo. Aí, voltando, após a gestão do professor [Manuel Carlos] Chaparro,



nós tivemos muitas dificuldades financeiras para manter a entidade. Na realidade, nós estávamos praticamente fechados. Nós tínhamos saído de Vila Mariana, nós estávamos numa sala do Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes. Não tínhamos funcionário, não tínhamos nada. Tinha Margarida e eu. Eu assumi o cargo de tesoureira, porque gosto de risco. Já tinha sido denunciada pelo exercício ilegal, então... A gente tem que ter vivido para a gente saber como eram as coisas. Independentemente de você estar participando de uma ação política ou não, você sempre tinha um pouco de medo. Eu dava aula de movimentos sociais no terceiro ano de Sociologia: reforma, revolução... Era uma saia justa danada. Até para corrigir, você tinha um certo receio.

Mas você corrigia assim mesmo?

Eu fazia questão de registrar. Conforme a crítica, eu fotocopiava. Naquela época, era fotocópia. Eu fazia fotocópia para o caso de dar algum problema. Imagina você, como professor, ter esse tipo de preocupação. Eu dei uma prova, foi inocência minha perguntar se era uma reforma ou uma revolução, 1964. E uma menina veio, me entregou a prova e disse assim – era filha de um general –: “Meu pai que fez”. Aí eu não tive dúvida: peguei a Revista do Exército Brasileiro, peguei todos os discursos





do Castelo Branco e corrigi citando a revista do Exército, dizendo que não era revolução, era reforma. O trabalho que aquela prova me deu... Dei zero. Era difícil. Então, por isso também que eu resolvi mudar de vida. Fui passear.

Por que você escolheu exatamente Comunicação?

Na realidade, o meu primeiro projeto era para analisar os componentes psicológicos da inflação, como aquilo influía. E aí entrava a Comunicação. Eu entrei com esse projeto, mas o professor Marques me convenceu a mudar de projeto. Isso porque eu também tinha acompanhado todo um estudo que tinha sido feito na escola de Sociologia sobre a inflação e a influência dos fatores psicológicos. Em uma banca até o [Eduardo] Suplicy estava lá. Ele era professor da Escola de Economia. E eu tinha me interessado pelo tema, tinha estudado muito. Uma ex-aluna minha fez esse trabalho. Tinha sido minha aluna na graduação, e eu tinha acompanhado todo o trabalho dela. Porque, embora eu não estivesse trabalhando, eu sempre mantive contato com todos os meus ex-alunos e continuei, de certa forma, dando orientação. Isso é uma coisa que eu já me aposentei e faço até hoje. Eu gosto de estudar, eu gosto de fazer essas coisas. Então, independentemente de eu estar trabalhando ou não, eu fazia, tanto que eu consegui entrar com o projeto, porque eu estava atualizada, embora não estivesse vinculada. Quando eu comecei no Portcom, eu recebi uma bolsa do CNPq de pesquisadora. Aí eu tinha que fazer os relatórios e tudo mais, organizar todo o trabalho. Tinha todo um projeto. Também o projeto que foi feito na gestão da Margarida fui eu que apresentei – que ajudei a fazer, porque já estava saindo. A Margarida e eu resolvemos enfrentar a situação difícil em que a Intercom se encontrava, com tudo jogado para todo lado lá numa salinha da ECA, do Departamento de Jornalismo, e reerguer, começar tudo de novo. Nós não tínhamos, inclusive, financiamento, não tínhamos nada, porque como não tinham sido prestadas contas de gestão anterior... Então, foi uma confusão. Aí foi trabalho braçal. Foi trabalho voluntário, a Margarida era presidente, mas fazia de tudo, e eu também. Nos propusemos a não deixar a Intercom acabar. Para mim, a Intercom foi muito importante. A gente fala da tal da universidade fora da escola, e ela foi muito importante em toda a minha formação – conhecendo as outras pessoas, trabalhando com essa área de Comunicação, que eu não dominava mas que me fascinava. No meu tempo, nem tinha curso de Comunicação, só tinha Sociologia. Ter contato com a Anamaria, com o professor Marques, que eram pessoas conhecidas e muito bem informadas, muito inteligentes, com uma história de vida também muito interessante. Isso, para mim, era uma escola. Era uma escola e me enriqueceu muito. Embora eu tenha trabalhado muito. Não tinha nada informatizado, era papel, um monte de

Para mim, a Intercom foi muito importante. A gente fala da tal da universidade fora da escola, e ela foi muito importante em toda a minha formação – conhecendo as outras pessoas, trabalhando com essa área de Comunicação, que eu não dominava mas que me fascinava



papelzinho, de recibo. Meu filho tinha entrado na Escola Politécnica, que fica bem em frente, aí ele veio me ajudar a fazer um programinha, naqueles programas antigos de computador, e nós fizemos a primeira lista organizada. Começamos a informatização, começamos a regularizar as formas de registrar os pagamentos. No primeiro congresso que nós fizemos não tínhamos financiamento nenhum.

Que congresso foi esse?

Olha, foi o congresso sobre Comunicação e meio ambiente, que nós fizemos na Metodista. Em 1991 ou 1992, por aí. Foi feito lá na Universidade Metodista. Eles nos permitiram utilizar o espaço. Procuramos patrocinadores, inclusive de empresas. Como nós estávamos falando de meio ambiente e Comunicação, até o pessoal da indústria automobilística contribuiu. Na época, o marido da Margarida trabalhava na Mercedes. Acho que era na Mercedes. Ele nos ajudou também, o Waldemar. Meu marido ajudou também com contatos. Nós entramos com verba particular, para não deixar de fazer o congresso aquele ano. Então, ele foi feito na marra. Mas saiu. Não tivemos nem lucro, nem prejuízo, mas não paramos, não houve nenhuma vez. E, no ano seguinte, a Cicilia [Peruzzo] fez, ela estava na universidade de Vitória naquela época. Nós fizemos, então, no Espírito Santo o congresso seguinte. Ela também nos ajudou, conseguindo verba de empresas particulares. Aí, durante esse tempo, consegui regularizar as prestações de contas, a forma como eram feitas era muito complicada. Regularizamos aquilo tudo e começamos a encaminhar novos pedidos, passamos a obter novamente financiamento. E aí começou a andar. E conseguimos verba também para o Portcom. Professor Marques foi diretor da escola, ele ajudou demais também – não me lembro bem o ano que ele era diretor da Escola de Comunicações e Artes. Então, nós tivemos um suporte da ECA. Professor Torquato nos ajudou também lá da Codac. Conseguimos um espaço em frente à ECA, onde foi instalada, então, uma salinha para o Portcom. Então, as coisas começaram a se regularizar. Depois disso, eu passei para o Fernando [Ferreira de Almeida] a Diretoria Financeira. Eu não quis mais ser tesoureira. Mas já estava funcionando. Hoje em dia, já deve ser completamente diferente. Mas eu estudei como tinha que ser, porque a gente era reprovado antes de entrar o pedido, pela forma como ele vinha. Então, a gente estudou direitinho como é que tinham que ser as cartinhas dizendo que recebeu o dinheiro, não sei o quê... Formatamos aquilo, passamos a fazer daquele jeito. E aí o Fernando assumiu, aprimorou.

Nesse período em que você foi tesoureira, de onde vinha a renda da Intercom?

Nós não tínhamos a quantidade de sócios que nós temos hoje. Nós tínhamos a venda de livros, que era insignificante. A renda vinha das inscrições do congresso. As inscrições do congresso ajudavam a manter a Intercom. Porque, enquanto nós estivemos lá em Vila Mariana, nós dávamos cursos, e os cursos ajudavam a sustentar a entidade. Então, nós tínhamos uma atividade que gerava recurso. E, quando nós ficamos lá naquela sala, nós não tínhamos como ter nenhuma atividade que gerasse re-



curso. Então, o congresso passou a ser a única fonte. Ou financiamentos de CNPq, essas coisas. Nós tínhamos uma dificuldade incrível para fazer com que a revista saísse. A gente pedia, então, financiamento para publicar a revista. Tínhamos uma dificuldade incrível de publicar os livros que o congresso gerava. Era tudo muito complicado. A professora Margarida, às vezes, ela mesma montava os livros, o Waldemar fazia a revisão... Era uma coisa muito difícil mesmo, mas a gente tinha um amor muito grande pela Intercom – é amor mesmo, eu acho que posso usar essa palavra –, e nenhum de nós queria que a entidade não sobrevivesse. Todos colaboraram, trabalho voluntário. Nós não tínhamos secretária. Eu ficava lá de manhã todos os dias – ajudava ser dona de casa nessa época. O meu marido dizia para mim que ele pagava para eu trabalhar, e é até verdade. À tarde, eu tinha aula na pós-graduação; e, de manhã, eu ia todas as manhãs, até que a gente teve condições de contratar uma secretária. Não tinha muito estudo, mas ela era uma pessoa dedicada, era uma pessoa boa, que nos ajudou bastante. Tinha um salário pequeno. Mas nos ajudava no dia a dia, mantinha a Intercom aberta. Nós ficávamos lá para não fechar mesmo. Aí, depois dessa fase foram aparecendo os eventos regionais. E, de algum jeito, começamos a receber mais apoio financeiro. Na gestão da Círcia a Intercom conseguiu novamente se erguer, e comprou um espaço próximo da Avenida Paulista, onde voltamos outra vez a dar os cursos. Então, retomamos aquilo – que essa fase que eu estou contando foi uma fase transitória. Nós tivemos muito apoio da Metodista e da ECA, muito apoio. Agora, particularmente, eu fui me encarregando de fazer os projetos dos congressos, que é um trabalho que não é brincadeira – fazer todo o projeto e conseguir verba. Não era mais a tesoureira, eu fui mudando de função para descobrir para que função eu tinha que ir para não fazer o projeto, e não descobri. Se eu era vice-presidente, era minha atribuição; se eu era diretora científica, era minha atribuição...

Tornou-se sua tarefa.

Só não tinha que fazer a prestação de contas, isso o Fernando fazia. Já tinha melhorado, porque antes a gente tinha que fazer o projeto – Margarida ajudava bastante – e a prestação de contas. Durante uns três anos, quatro anos, a gente teve que fazer isso. Aí eu fui me direcionando para a pesquisa em Turismo, porque, como havia, na Escola de Comunicações, o curso de Turismo... A Intercom tinha um espaço que eu achava fantástico, que era a sessão dos temas livres. A coisa que eu mais gostava de fazer na Intercom era isso. Não era nada determinado, as pessoas podiam mandar o que elas quisessem. E eu me dava ao trabalho, como sempre trabalhei com documentação, essas coisas, eu lia tudo aquilo e aí formava os grupos. Então, não eram temas definidos. E, com isso, a gente descobriu o que se estava pesquisando em todo lugar. Então, de repente, você descobria que tinha alguém, sei lá, no Nordeste ou no Sul com o mesmo foco de pesquisa. Você juntava os dois no tema livre. Nos núcleos de pesquisa, você tinha que ter mestrado, estar cursando alguma pós-graduação. No tema livre, não, podia ser o pessoal que tinha pós-graduação lato sensu, só tinha que ter completa-



do o curso. Então, a gente pegava temas de pesquisa que estavam sendo pesquisados, um deles era o Turismo, e começamos a criar os grupos, que se encontravam todo ano. Era minha função ler tudo aquilo e montar esses grupos. Era um trabalho que eu acho que eu era a única que estava a fim de fazer, mas eu gostava muito de fazer. Hoje, está tudo formatado. Para mim, era uma fonte de pesquisa fantástica. Esses temas livres, conforme eles iam se consolidando, eles viravam núcleos. Com o tempo, eles viravam núcleos. E aí eu montei um núcleo de pesquisa na Intercom sobre Turismo e Hospitalidade. Estava trabalhando, no mestrado, em hospitalidade e comecei a direcionar para lá os trabalhos desse núcleo, já que na ECA o Turismo estava na Comunicação – mas não é comum, acho que na Metodista não está. Foi uma sementinha, porque juntou esse pessoal todo que estava fazendo pesquisa, e daí eu acho que acabou nascendo a Anptur, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, que, justamente por ser filhote da Intercom, pas-

sou a fazer o seu congresso na mesma época. E foi aí que eu não pude mais participar dos congressos da Intercom, porque eu passei a participar dos congressos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, que era a minha área. E, de certa forma, eu continuei ainda um tempo fazendo, até que veio a Marialva Barbosa e começou a fazer o projeto do congresso. Teve a colaboração grande da Maria do Carmo, que já tinha aprendido. Nós temos bons funcionários, gente que sabe como é que funciona, sabe como é que monta. Então, dá para a gente ter um presidente que não é de São Paulo. Porque antes não dava, tinha que estar aqui. Aí a Intercom começou a se abrir. Aí eu acho que ela virou realmente nacional, e eu tenho muito orgulho de ter participado de tudo isso. Na Anptur, a professora Mirian Rejowski, a professora Susana Gastal, o professor Jaques Wagner eram todos da Intercom. Foram inclusive, muitas vezes, da diretoria. É uma linha muito interessante de turismo e imaginário, que tangencia a Comunicação, que é muito, muito boa. Mas realmente ela cresceu tanto, a área cresceu tanto que fica difícil... Ela poderia, sim, ter se acomodado no congresso.



Poderia, sim. Eu acho que o congresso comportava um núcleo, porque se comporta Jornalismo, que é imenso, se comporta Relações Públicas... Mas eu entendo também que precisa ter uma linha de corte em algum lugar. São cursos de Turismo, são cursos de Gastronomia, é um guarda-chuva grande, é um evento grande já o evento da Anptur. Mas essa experiência toda de montar uma associação, de pedir financiamento e tudo isso, a gente levou para lá. Eu acho que a Intercom deu muitos frutos, muitos frutos. Tivemos, provavelmente, muitos erros, não sei.

A senhora não quis voltar para o ensino?

Eu voltei o tempo todo para o ensino. Assim que eu entrei no mestrado, voltei a dar aula.

Onde?

Eu dei aula em várias universidades particulares. Eu dei aula na Unip [Universidade Paulista], eu dei aula no Fiam-Faam [Centro Universitário]. Mas fiquei na Anhembi Morumbi, que é o único mestrado que tem aqui. Porque o da ECA tinha sido descredenciado. Então, tinha o mestrado no Balneário Camboriú e tinha esse. A tradição da Anhembi Morumbi eram os cursos de Turismo. Era a âncora lá. No Fiam, eu fui num projeto que o professor Marques e a Margarida fizeram lá. Eu trabalhava com os cursos de Jornalismo e Publicidade. Eu trabalhei muito no Senac, nos cursos do Senac: Planejamento Turístico, Planejamento de Evento... E no curso de docência, formação de docentes em Turismo. Porque aí eu comecei a me afastar da documentação e comecei a trabalhar muito essa questão da interdisciplinaridade, que já tinha nascido do confronto que eu fiz de todos aqueles trabalhos quando criei a classificação na Comunicação. Então, aquilo me abriu muito a cabeça, me mostrou as interfaces todas – e me mostrou também que a questão da interdisciplinaridade era uma riqueza – e a necessidade de você estudar como deve ser o fluxo de transmissão de conhecimento nos cursos. Um dos projetos que nós desenvolvemos no Fiam, que eu fiz quando estive lá com a Margarida, foi justamente um projeto interdisciplinar, que era muito, muito interessante. Eu dava metodologia da pesquisa, o professor de linguagem e outro de criação, todo mundo laboratório. Eu não entendia bulhufas de coisa nenhuma de criação. E, de repente, a gente descobriu que, trabalhando junto, a gente conseguia. E foi muito interessante, porque, no curso da manhã, nós fizemos isso muito bem-feito. Na noite, foi mais ou menos. Eu comecei a trabalhar com isso, e aí eu fiz o meu doutorado. Eu vou fazendo as coisas no meio. O meu doutorado, eu terminei só no ano 2000, não fiz em seguida. E aí eu já fiz *Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Superior*, que foi a minha tese de doutorado, um estudo de caso no curso de Turismo. Então, eu fiz todo o estudo dessa implantação do interdisciplinar.

Você fez na ECA?



Fiz na ECA. Eu fiz o mestrado e o doutorado na ECA. E essa questão da interdisciplinaridade, eu aprendi na Intercom, porque a gente tinha praticado. Nos temas livres, então, era fantástico. Quando eles quiseram implantar isso nos cursos de Turismo... E depois, no Senac, eu cheguei a dar muita aula para professores também, no curso de docência. Eu adquiri uma visão, uma capacidade de trabalhar com isso, pelo meu histórico na Intercom. O inventário da pesquisa em Comunicação eram teses de Ciências Sociais, alguns estudos de Jornalismo, tinha até na Medicina, se duvidasse, falando de Comunicação. Então, você percebe todas as interfaces, é uma coisa que você aprende na prática, porque a interdisciplinaridade é uma categoria de ação. Você só aprende fazendo. Quando você age é que ela ocorre. A nossa ação é interdisciplinar. Agora, passar isso para os professores é complicado, porque cada um fez a sua área de estudo, e ele acha que ela é a mais importante de todas e não quer fazer a troca. É complicado isso. Esses projetos, eu acho que são muito bons, mas acabam não se desenvolvendo tanto nas escolas. No Senac, eles continuaram – não sei se ainda continuam. Eu tive várias orientandas no curso de Hospitalidade que eram professoras que trabalharam com a interdisciplinaridade. Tentaram implantar o projeto em outras instituições. Fizemos observação disso. Onde mais prosperou foi no Senac, no curso de Hotelaria e no curso de Turismo. Isso prosperou porque a própria institui-

A interdisciplinaridade é uma categoria de ação. Você só aprende fazendo. Quando você age é que ela ocorre





ção abraçou o projeto e percebeu que melhorava o ensino. Agora, para instituições muito grandes, é difícil você fazer, é muito difícil, ainda mais essas particulares – começaram a baixar preço... Teve muito problema. E eu me aposentei porque eu fiquei doente. Aí pensei bem, pensei que eu tinha que cuidar de mim na época. Não me arrependi de ter me aposentado, mas nunca parei. Eu sempre vou aos congressos da Anptur, eu continuo escrevendo, eu continuo sendo do corpo editorial de uma série de revistas. E eu só sinto muito de não ter continuado na Intercom. Eu continuaria se não fosse o fato de os eventos coincidirem.

Eles caem na mesma semana mesmo?

Este ano, não vai cair na mesma semana, mas é na sequência. E aí o que aconteceu? Também esvaziou os grupos de Turismo que havia na Intercom.

Migraram?

Porque as pessoas não conseguem ir a dois eventos, é muito caro. Este ano, por exemplo, vai ser em Camboriú. Nem sempre é no mesmo lugar. Não sei onde vai ser a Intercom, mas o da Anptur vai ser em Camboriú. Quando você ia num evento desse, você tinha que conseguir alguém para dar aula nos dias em que você dava aula, você deixava de ganhar, você pagava para ir. É complicado. Inclusive, o professor Marques fazia questão, durante muitos e muitos anos, que cada um pagasse a sua viagem, pagasse a sua inscrição, porque era disso que a entidade vivia. Durante muito tempo, nós não tivemos isso que tem agora de você ficar no hotel e ter hospedagem paga pela instituição. Não tinha isso. Cada um pagava e, quando ficávamos em hotel, ficávamos mais de um no mesmo quarto, sem direito à opção de quem seria seu companheiro. O mais bonito – acho bonito mesmo – é que todo mundo abraçou a coisa, foi junto. Só a partir do congresso da Bahia nós começamos a limitar o número de inscritos no congresso, porque até lá podiam vir quantos quisessem. Depois disso, a gente começou a limitar. E foi crescendo. Voltou a ter os cursos, tem uma independência, podemos ter funcionários adequados, e isso é muito bom.

Voltando ao Portcom, como você vê o desenvolvimento do portal, pensando em como ele foi pensado e em tudo do que aconteceu depois? Como era feita a indexação, por exemplo?

Para falar a verdade, no começo eu fazia absolutamente tudo: eu lia, eu resumia e eu ainda tinha que arranjar alguém que – naquela época – datilografasse o negócio para ir para a revista. As pessoas encaminhavam para a Intercom, geralmente, aquilo que elas produziam que era de Comunicação. Então aquilo chegava, eu fazia os resumos para a bibliografia e depois doava para a Biblioteca da ECA os livros que a gente recebia. Teoricamente, todos os livros deveriam estar lá – que saíam na bibliografia. Não era bem o que acontecia, porque, chegando lá, às vezes, eles resolviam que aque-



le livro ia para uma outra unidade. Eles têm um sistema integrado de bibliotecas. Era uma relação mais ou menos, mas funcionava. Agora, quando virou Portdata, já foi com a Sueli Ferreira, aí ela informatizou, e eu realmente não saberia dizer a você a dimensão atual do projeto, porque ele se expandiu muito com a Sueli, na época dela. Ela fez um trabalho excelente, se dedicou demais. Até que começaram a aparecer esses outros sistemas de indexação para achar material. Hoje em dia, muitos sistemas se fecharam. Você não consegue a informação se você não pagar para ter determinados documentos. A Intercom ainda é um espaço livre. Você, quando entra no site da Intercom, consegue todos os documentos, sem pagar o acesso. A maioria dos textos que a gente busca, você tem que pagar, você tem que estar filiado. Não tem acesso livre mais como tinha logo que surgiu o Google, quando estava aquela bagunça, você achava o que você quisesse. Quando aquilo começou, desestruturou um pouco no sentido de qual é o sentido de se ter um depositário como esse. Mas eu percebo que a cada dia está ficando mais difícil conseguir a informação pela internet. Então, acho que não deixa de ser um diferencial. Eu acho que deveria continuar, pelo menos, o material de todos os congressos. Ele se encontra disponível lá, e eu acho que isso é uma fonte de pesquisa muito boa, muito importante, e bem dentro do espírito da Intercom – de dar acesso democrático para isso. Se você não é de uma universidade, você não vai ter o dinheiro para pagar todos os bancos de dados para ter acesso. Então, você acaba bloqueando a informação. A internet, a meu entender, no momento, ela está numa crise de identidade terrível. Você tenta ver uma coisa, aparecem 200 mil anúncios na sua frente. Você gasta mais tempo clicando lá no xis para fechar tudo que eles abrem do que para achar a informação. Então, acredito que isso vá ser revisto, vai ter que ser. Meu filho trabalha com isso, mídia digital. E não sei que solução vai ser dada para isso. Mas aquela internet que atrapalhava, de certa forma, ou que tirava a justificativa de existir uma Portdata, tenho a impressão que ela está deixando de existir. E eu acredito que seria muito válido se a Intercom continuasse com esse trabalho da maneira como ele é: democrático, aberto, disponibilizando material. É uma fonte de pesquisa. Olha, eu uso muito, eu recomendo muito. O problema é que está tendo uma divisão do material. Ele está classificado até o tempo da Sueli de uma maneira e, depois, está classificado de outra. Isso difícil, e eu nunca entendi por que aconteceu isso. Veja o que aconteceu: a Sueli era da ECA, a Maria Cristina, da Metodista – eu tenho impressão que o sistema de um lugar e de outro era diferente. E a gente acaba trabalhando com o suporte que a gente tem. Então, acredito que a Maria Cristina tinha um outro tipo de suporte, e isso criou uma divisão. Mas seria muito interessante se houvesse uma integração maior entre essas informações.

A Sueli tinha uma formação próxima à documentação?

Sim, ela era do Departamento de Documentação da USP. Ela é formada nisso. Ela é uma pessoa altamente especializada. Ela, inclusive, entendia de editoração de revista eletrônica. São poucos



os membros do Departamento de Documentação que colaboram com a gente. Ela era excepcional nesse ponto. Colaborava, participava de todos os congressos, fazia o que ela podia. Agora, é um problema, porque, na hora em que você transforma o cargo de diretor do Portcom em cargo eletivo, começa a haver a troca. No meu entender, é um órgão técnico, devia ter uma gestão técnica. E não devia ser uma pessoa eleita para gerenciar o Portcom a partir daquilo que ela dispõe na instituição na qual ela trabalha. Esse é o grande problema que eu vejo.

Faz muita diferença?

Faz. Como a Intercom não tinha, vamos dizer, um organismo próprio, cada um que assume leva para a sua instituição. Quando passou das bibliotecárias da ECA para mim, foi uma briga. Foi uma briga. A Maria Cristina é uma pessoa altamente competente, e eu acredito que ela levou para a Metodista, que era onde ela estava, e se adaptou ao sistema de lá. Porque durante um bom tempo, logo nos pri-

mórdios, foi a Metodista, também, que deu suporte para a gente. Nós temos muitas escolas, muitos cursos de pós-graduação, muitos trabalhos, muitos encontros regionais. É um material riquíssimo, porque o material de congresso, eu acho um material fantástico, porque ele lança muitas perguntas. Eu não considero o paper que você manda para o congresso um texto acabado. Ele é um texto para discussão. Então, ele suscita muitas perguntas em quem participa do núcleo, ele recebe muitas sugestões. É uma troca muito rica. E, se você tiver tudo ali num portal, para que você possa consultar, isso vai possibilitar o desenvolvimento da área.

Um panorama da pesquisa.

É. E você, às vezes, pega uma questão que você diz assim: “Nossa, mas isso é uma questão?”. Aí você começa a pensar no assunto, você vê que de fato é uma questão e que tem que ser contemplada, tem que ser estudada. Então, o que eu acho é que esses jogos – dos quais eu fiz parte, inclusive – não são bons para a área. O Portcom tinha que ter uma estrutura própria e uma pessoa especializada que entendesse, ou o diretor que eventualmente assumisse entendesse do assunto. Foi o motivo



pelo qual eu saí, porque eu não entendia. Eu não entendia da parte toda de informatização da informação, que tinha que ser criada, e foi criada com o projeto em que a gente entrou. Então, eu achei que eu não tinha competência para dirigir aquele projeto. Eu tinha tido a capacidade de juntar tudo aquilo, de ler, de colocar em discussão, mas eu não tenho formação especializada em documentação para fazer esse tipo de trabalho. Por isso que eu achei que isso deveria passar para o pessoal do Centro de Documentação da Escola de Comunicações. E a Sueli entrou, e foi sendo sempre reeleita – como o Fernando era sempre reeleito para tesoureiro. Talvez ela dê uma informação melhor, e a Cristina também. A informatização da informação, para que ela realmente seja democrática e permita o acesso, tem de ser feita por gente especializada, que entenda daquilo. Eu não entendia de como fazer isso.

Isso gerou conflitos seus com alguém?

Não, porque é o seguinte: eu tenho uma filosofia: eu não tento fazer aquilo que eu não sei. Eu posso até tentar entender, tentar estudar, ver se eu descubro como é que faz, mas eu não tento assumir uma coisa para a qual eu não tenho aptidão. E é por isso que eu jamais me candidatei a presidente, e acho que não tenho o perfil para ser presidente da Intercom. Nunca achei que tivesse, embora tenha trabalhado em todos os cargos. Fui vice, mas eu não sou política. Eu acho que, para você ser presidente da Intercom, você tem que ter um jogo de cintura mais político, e eu nunca gostei disso, eu nunca gostei de determinados cargos: coordenador... Eu fujo desse tipo de cargo. Já do Portcom, eu gostava, porque não era um cargo eletivo quando eu trabalhava. E não tinha nada, eu fiz do zero. Eu fui fazendo em caixa de sapato. Tinha uns dois ou três estagiários que digitaram para trás aquilo que a gente já tinha, para incluir na documentação.

Com algum tipo de bolsa?

Não, não. O projeto do Portcom, na hora em que passou para o Departamento de Documentação – o que foi feito na segunda gestão da Margarida –, a gente já conseguiu estudantes de Jornalismo, que trabalhavam na documentação. Tinha uma salinha do Portcom. Aí tinha uma estrutura.

Ele foi então encampado pela universidade?

É, mas quem dava o dinheiro era o CNPq. Dava o dinheiro para a Intercom. E funcionou durante um bom tempo. Mas cansa também. Você não pode ser eternamente diretora de um órgão, é um trabalho voluntário. É como eu digo: eu fugia do projeto. Agora, a Marialva é muito legal. Ela começou a fazer o projeto, eu fui passando para ela. Eu também não deixava o cargo enquanto eu não tivesse segurança de que o outro ia fazer – como eu deixei com o Fernando a tesouraria, depois. A única



pessoa que se interessou mesmo foi a Marialva, de ver como é que era. Ela sempre colaborou demais.

Falando da passagem da tesouraria, você foi primeira secretária na gestão do Adolpho Queiroz. O que foi mais marcante nesse período?

A gestão do Adolpho foi uma gestão muito tranquila. Ele é muito diplomata na maneira como trabalha, é uma pessoa que não entra em conflito. Ele fazia uma dupla muito boa com o Fernando. Na época, ele não estava na Metodista, estava em Piracicaba. É Metodista também. Mas não estava aqui em São Bernardo. Ele era uma pessoa excelente para se trabalhar, uma pessoa muito aberta. Cada um fazia a sua função. As reuniões ocorriam com regularidade. Ele contribuiu muito para que a gente entrasse num circuito virtuoso de continuidade do trabalho. Porque a gente vinha de susto em susto, e depois a gente começou a se estabilizar. Ele é uma pessoa muito calma, muito equilibrada. Ele ajudou muito nisso.

Quais eram as suas atribuições?

Eu fazia o projeto do congresso, o Fernando fazia a contabilidade e eu fazia o relatório técnico-científico. Depois, eu virei diretora científica. Porque é o seguinte: quando o Adolpho era o presidente, a diretora científica era a Immacolata, e eu comecei a ajudar a Immacolata na coordenação dos núcleos de pesquisa. Ela formou lá os núcleos de pesquisa, e eu comecei a ajudar nessa coordenação dos núcleos de pesquisa. Então, eu era coordenadora dos núcleos de pesquisa da Intercom, com a supervisão da Immacolata, que era quem de fato tinha o cargo. Ela tinha uma série de atribuições, então eu ajudava. Eu trabalhava em dobradinha com ela. A gente não tinha atrito. Ela era coordenadora, mas, no fundo, quem estava fazendo todo o operacional, fazia os encontros, fazia a reunião dos diretores de núcleo, tudo isso era atribuição minha. Você sabe que eu tinha até esquecido disso? Dá um trabalho danado, mas é muito bom.

Aí, na gestão do professor José Salvador Faro, você foi para o Conselho Fiscal?

Eu não fiz muita coisa na gestão do Faro. Realmente foi uma época em que eu participei pouco da Intercom. Eu só estava no Conselho Fiscal, fiquei um pouco mais afastada nessa época da gestão dele. No Conselho, nós aprovávamos o orçamento, as contas, o balanço. É um órgão de apoio da diretoria. Eu não tinha uma função específica.

Em 2002, você assumiu a vice-presidência, na gestão da professora Sonia Virgínia Moreira.

Justamente porque foi a primeira presidente que não era de São Paulo, e tinha que ter alguém de



São Paulo. Foi condição para a formação da chapa que eu ficasse na vice-presidência, eu ficava encarregada de olhar o que acontecia aqui em São Paulo. Mas funcionou muito bem, não teve problema nenhum. A Sonia e o Aníbal Bragança. O Aníbal é uma pessoa fantástica para trabalhar junto. Colaborava demais com a gente. Então, foi uma época que a gente achou que talvez fosse difícil, mas não foi. Foi extremamente tranquila. Nós trabalhamos muito bem juntos. E nunca tive nenhum atrito com a Sonia. Fazia o projeto, e ela sempre me apoiou naquilo que eu fiz. Eu sou uma boa vice porque eu não quero ser presidente, eu só quero ser vice. Eu sou uma ótima vice. Você pode me pôr, porque eu não quero. Eu sempre brinco: “Eu quero ser a segunda, eu não quero ser a primeira”. Lembrei de mais uma função: Eu fui representante da Intercom no Conselho de Documentação da Secretaria de Cultura. Trabalhei um bom tempo lá.

O que era esse Conselho?

Juntava todas as bibliotecas da Secretaria de Cultura do município – na época em que a Bete Mendes foi a secretária. Teve um outro período em que eu representei a Intercom na SBPC [Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência]. Sempre achei assim: a gente deve fazer coisas voluntariamente, ajudar causas que a gente acredita. A Intercom era alguma coisa em que eu acreditava, e achava que valia a pena dedicar o meu trabalho voluntário para a entidade. Porque era voluntário, e isso é o que eu acho mais bacana na Intercom: você se dispor a fazer aquilo voluntariamente.

As pessoas gostam da entidade, elas trabalham. É uma carga de trabalho que não é brincadeira. Fechar o congresso é loucura: conseguir aqueles benditos relatórios, fazer avaliação, cumprir todas aquelas regrinhas... Mas eu acho que alguém precisa fazer isso, e eu tinha possibilidade de fazer, a boa vontade. Eu gostei de fazer. Eu acho que me enriqueceu. Acho que tudo aquilo que você dá, você recebe. Não precisa ter um emprego formal para isso. Então, é uma coisa que eu sempre gostei muito de fazer, e até continuaria fazendo, se não fosse difícil para mim.

A gente deve fazer coisas voluntariamente, ajudar causas que a gente acredita. A Intercom era alguma coisa em que eu acreditava, e achava que valia a pena dedicar o meu trabalho voluntário para a entidade

Nesse período da Sonia Virgínia houve a informatização dos congressos. Você se recorda desse processo?

Quem mais cuidou disso foi o Aníbal. Ele foi a pessoa que mais discutiu, e já estava capitaneando também os núcleos. Eu acho que foi muito bom ter informatizado. Acho que foi um ganho muito grande. Deu trabalho, deu discussão, teve gente que não gostou... Mas tudo que a gente faz tem gente que não gosta. Foi o primeiro trabalho e, de lá para cá, acho que vem sendo aprimorado, como tudo. Mas são avanços. É como a primeira vez que a gente colocou tudo no computador para ver quem



eram os sócios. Tinha um livro, imagina. As coisas evoluíram rapidamente. Uma pessoa que contribuiu muito para a Intercom foi o Aníbal. Bom, o Fernando merecia um troféu de ser tesoureiro por todos esses anos.

Pessoas que deixaram marcas.

Pessoas que têm o dom. Eu acho que o professor Marques, por exemplo, ele pensa para a frente, ele imagina, ele cria. Ele dava tarefas para a gente – a gente gostando ou não. Ele empurrava as coisas, e as coisas andavam. Precisa de gente assim, e são poucas as pessoas que são assim. São poucas. Acho que Margarida é uma pessoa assim. Muita gente faz muito bem o seu trabalho, mas essa dedicação, essa constância, essa fidelidade que o professor Marques tem são muito raras. Anamaria Fadul também – está sempre junto. Outros passaram rápido ou se desentenderam... Tem gente que colaborou muito e infelizmente não está mais no grupo. Eu sinto muito quando essa separação se dá por conflito. Bom, o conflito é necessário. Não pode todo mundo, também, concordar com tudo, senão a gente não evolui. A Immacolata é uma pessoa que eu tinha que convencer, ou ela me convencia também. Trabalhamos também juntas num outro projeto, que foi sobre a questão da mão de obra em Comunicação, empregabilidade do pessoal que saía dos cursos de Comunicação. Não trabalhei com o Chaparro, porque o Portcom era meio que independente. Eu fui tocando a minha parte, não cheguei a participar do dia a dia. O Torquato me ajudou muito na realização dos encontros de Comunicação.



Você se lembra qual foi o seu primeiro contato com a Intercom?



Foi pela Anamaria Fadul, na aula. Eu nem sabia que a Intercom existia, e ela era minha professora. Ela começou a me convencer. Ela era, naquela época, presidente da Intercom. Eu me dava muito bem com ela. Eu nem conhecia o professor Marques. “Vamos, porque tem a parte de documentação”. E eu comecei a colaborar com ela. Eu me lembro que foi feito um congresso, que teve até o patrocínio da Unesco, sobre “Comunicação e Educação”. E eu ajudei muito na organização do congresso. Foi um evento paralelo. E, a partir daí, comecei a ajudar na Intercom, ajudar mesmo. Se tinha um livro que estava no chão, eu comprava estante. A Anamaria trazia móvel. A gente colaborava de todo jeito para que a instituição funcionasse. Naquela época, a Margarida cuidava dos cursos, ela administrava todos os cursos que eram dados lá. Também ajudava demais. E o pessoal da revista, né? Eles trabalhavam bastante. É que eu não tinha muito contato com eles, a não ser entregar a minha bibliografia. Mas eles trabalhavam também nos bastidores, para conseguir fazer aquela Revista Brasileira de Comunicação, gente, vocês não imaginam como era difícil – conseguir verba, conseguir revisão, conseguir impressão...

Em 2007 você recebeu uma homenagem da Intercom. O que representou para você?

A gente fica muito feliz quando as pessoas reconhecem o trabalho da gente. Eu fico mais feliz ainda porque era um trabalho que não aparecia tanto. Nesse ponto, acho que eu sempre fui muito reconhecida. Deram meu nome para uma sala. Então, acho que eu sempre tive um reconhecimento de todos. E isso me deixa muito feliz, porque eu gostava do que eu fazia. Eu gostava de ter contato com gente do Brasil todo quando estava montando os núcleos de pesquisa, de receber o material... A gente ficava meio louco no congresso, porque, quando eu tinha esses cargos, eu não conseguia assistir a nada, a gente tinha que ficar controlando as coisas. Hoje em dia, que o congresso está mais formatado, mais informatizado, não dá tanto trabalho, mas até aquele congresso que foi um divisor de águas, na Bahia... Eu tenho trauma daquele congresso, foi terrível.

Como foi essa experiência?

Fizemos o congresso num centro de convenções, não foi numa universidade. E tinha um limite de pessoas que podiam utilizar as salas. Só que o centro, que deveria ter sediado só a Intercom, sediou um outro evento na parte de baixo. Então, nosso espaço ficou limitado. E eu acho que os professores lá na Bahia não tinham muita noção de como a coisa funcionava, alguns deram como tarefa do aluno fazer resumo do que estava acontecendo nas salas. Porque a gente não controlava muito quem entrava, quem não entrava, quem tinha inscrição. Só que aí eles queriam entrar de qualquer jeito, e não tinha lugar. Quem nos salvou foi o Muniz Sodré. Eles começaram a fazer barulho porque queriam entrar na sala. Aí o Muniz fez uma palestra para eles do lado de fora, no maior improviso,



nos ajudou a controlar aquela situação. Eu pensei assim: “Agora eles vão derrubar a porta”. Porque é uma situação superdesagradável. E aí ele fez a palestra dele. Na época, tinha o Núcleo de História em Quadrinhos, com o Flávio Calazans também. Ele fez uns eventos para fora da sala, e isso acabou mobilizando os estudantes, e nós saímos vivos do congresso. Porque foi crescendo muito. A gente não estava preparado para um crescimento tão grande como foi tendo. Depois, então, nós começamos a estabelecer limite. Eu diria que se profissionalizou mais. Mas eu me lembro do Fernando meio que desesperado. Aquele monte de gente querendo entrar, fazer inscrição. Ele encerrou a inscrição, porque era o que comportava no centro. E as pessoas querendo se inscrever. Havia 2 mil e não sei quantos inscritos, e simplesmente o lugar não comportava.

Dos congressos que você acompanhou, quais avalia como mais importantes, mais emblemáticos?

Você sabe de uma coisa? Um congresso muito simples foi esse de meio ambiente que nós fizemos na Metodista – mas, para mim, foi o mais importante, porque nós conseguimos fazer aquele congresso sem nenhum apoio, sem verba e realmente interessante. Nós fizemos um livro. O livro do congresso era um dos materiais mais procurados na Intercom – se esgotou, acho que fizemos uns mil exemplares só. *Comunicação e Meio Ambiente*, um tema que, na época, não se discutia tanto e que abriu toda uma gama de discussão. Para mim, pessoalmente, foi um desafio conseguir fazer aquilo – junto com a Margarida –, e também o resultado que a gente teve e a repercussão depois, porque até hoje me pedem esses textos – nem sei se ainda existe esse livro. E nem vou dizer que fosse um conteúdo excepcional. É mais porque é um marco, é alguma coisa que iniciou. O de educação, também acho que foi importante, foi bom.

Você acompanhou, ao longo de várias diretorias, a evolução dos pesquisadores. Fale sobre importância da Intercom para a pesquisa, do seu ponto de vista.

Como eu já disse, para mim foi uma universidade, eu aprendi a trabalhar com interdisciplinaridade na Intercom. Então, para a minha própria formação, a Intercom foi fundamental. Eu acho que, para os pesquisadores, a discussão nos grupos é fundamental para o desenvolvimento. O formato é muito propício ao desenvolvimento da pesquisa. A única coisa que eu acho que às vezes acontecia, e que não seria desejável, é que alguns núcleos de pesquisa viravam quase que feudos, onde só iam sempre as mesmas pessoas. Isso não é bom. É preciso que haja uma abertura. Não se pode delimitar demais, porque senão a gente não pega pesquisa nova que está saindo, você só fica com aquelas ideias. Por isso eu gostava tanto do tema livre, porque a pessoa podia propor qualquer coisa. Aí, o pior que podia acontecer para ela era ir parar em outros grupos, mas, ainda assim, ela podia comparecer. O grande problema dos núcleos é se eles se fecham, é se eles juntam um grupo de pesqui-



sadores e não permitem a entrada de pesquisadores novos. Não aprovam os papers, não aceitam trabalhos em que a pesquisa não seja do mesmo escopo da pesquisa deles. Então, quando é assim, é um entrave, porque o estudante de pós-graduação precisa mandar esses trabalhos para os congressos. Isso conta ponto para ele. Ele tem necessidade. Ele precisa tanto do ponto de vista da pontuação que ele vai ter no curso como na questão da formação pessoal, do conhecimento, da troca. Em que espaço ele vai fazer isso se não for Intercom? Ou em qualquer outro congresso ou simpósio? E a Intercom tem muita credibilidade. Eu tenho contato até hoje com pessoas que eu conheci em congressos, a gente se fala por e-mail, pessoas que às vezes eu nunca vi e que estão trabalhando temas de pesquisa. Elas me pedem coisas e eu envio. Eu acho que a formação dessa rede de pesquisadores dá um suporte muito grande. Quando a gente está fazendo uma tese ou uma dissertação de mestrado, se sente muito sozinho. Tem gente que entra até em depressão, aquilo vai

Tenho contato até hoje com pessoas que eu conheci em congressos, a gente se fala por e-mail, pessoas que às vezes eu nunca vi e que estão trabalhando temas de pesquisa. Elas me pedem coisas e eu envio. Eu acho que a formação dessa rede de pesquisadores dá um suporte muito grande



te consumindo de alguma maneira. E o congresso é aquele momento em que se alguém te criticar ou qualquer coisa, também não tem importância: não está sendo reprovado, não é uma disciplina. É um espaço aberto, onde você realmente pode colocar as suas ideias e receber a crítica. Então, nesse ponto, aquela história de dar cinco minutos para a pessoa falar, só para dizer que expôs, eu acho um formato ruim. Eu acho que precisa ter tempo para que haja realmente uma discussão daquilo que está sendo colocado. Não sei como está atualmente. Agora, eu estou me baseando um pouco naquilo que nós copiamos. Nós temos feito as mesas com temas próximos, e eu vejo que isso é profundamente enriquecedor para o pesquisador. E outra coisa: motiva. Ele vai nas mesas quando está fazendo uma pós-graduação lato sensu e, depois, a aspiração dele é entrar num núcleo de pesquisa. E, muitas vezes, ele é barrado aí. Ele não consegue entrar nesses grupos. Aí desestimula. Tem gente que realmente reclama, mandava carta para mim, mandava e-mail. Por exemplo, mandava o trabalho para um núcleo, a pessoa lia, mandava para outro, sabe? Se ele, como pesquisador, se achou naquele núcleo, o grupo deveria ao menos ouvir. Talvez a colaboração dele pudesse enriquecer o grupo.

As mudanças na formatação dos grupos foram bem recebidas?

Nós tínhamos expandido demais. Aí nós fizemos uma reforma radical, cortamos um monte de núcleos. Muita gente se sentiu perseguida. Eu fui perseguida, porque o meu núcleo foi cortado. Então, você vê que não era uma questão pessoal. Eu entendo que tem que delimitar, mas, ao mesmo tempo, tem que ter um espaço de abertura para a gente saber quais são as novas tendências e como é que a geração nova está interpretando o trabalho que ela está encontrando e que proposta ela tem. Eu acho que eles são muito subestimados, às vezes.

O espaço para temas livres ajudava nesse sentido?

O tema livre era o pessoal que já tinha se formado mas não estava ainda no mestrado, ou até doutores, mas que estavam desenvolvendo pesquisas que não se encaixavam em nenhum dos núcleos. Então, ele fez uma pesquisa que não se encaixou, ele mandava para temas livres. Aquilo, eu é que eu agrupava. Se vinham várias com aquele tema, eu formava as mesas e dava para coordenar o grupo a pessoa que tivesse maior titulação. Isso estimulava a pessoa: “Puxa, eu vou coordenar aquela mesa. Eu sou responsável pelo grupo”. E com isso começava-se a formar grupos. Se você já faz mesas fechadas, você perde a oportunidade de dar esse poder às pessoas, de reconhecer talentos novos, pessoas que você nunca ouviu falar, que mandam lá o trabalho. E você analisa. Era um risco que corria de dizer: “Ele tem mais titulação, ele vai ser o coordenador do grupo”. A pessoa ficava honrada. Poderia ser uma pessoa que não soubesse, mas eu imagino que, se alguém chegou até aquela titulação, deveria saber coordenar um grupo. E funcionava muito bem. As pessoas se interessavam, se sentiam valorizadas. E foi muito interessante, porque, depois de um tempo, tinha muita gente – até



livre-docente – mandando trabalho para o tema livre. Porque o que eles estavam pesquisando não entrava nos núcleos de pesquisa, não se encaixava no perfil dos núcleos, que estavam muito condicionados à divisão. Os núcleos de pesquisa acabaram ficando muito divididos em função daquilo que o próprio MEC [Ministério da Educação] divide. E nem tudo aquilo que está dentro do sistema representa a realidade. Pelo contrário, eu acho que representa o passado. E o futuro? O presente e o futuro onde é que ficam? Na minha opinião, ficavam no tema livre, porque eram pessoas que não precisavam daqueles pontinhos para ser reconhecidas. Eram pessoas que estavam pesquisando coisas de que elas gostavam. E surgia muita coisa interessante, muito interessante, tanto que formou muitos grupos, formaram-se mesas. Só que aí fecha, fica muito engessado. Não sei, eu não gosto de coisa engessada.

O que representou para a Intercom abrir espaço para os alunos de graduação?

Olha, o primeiro Intercom Júnior que nós fizemos foi no congresso de Vitória. Não sei se eu coordenei esse junto com o Fernando ou se esse eu coordenei sozinha e depois passou para ele, não me lembro mais. Eu sempre gostei muito de trabalhar com alunos da graduação. Eu acho que renovou, porque esses que participaram do Júnior são aqueles que viraram nossos sócios depois. E eles se sentiam valorizados e gostavam muito de participar. Eles vinham em caravanas. Nós fizemos um congresso em Londrina quando a Immacolata era presidente. Nossa, mas tinha tanta gente acampada! Vieram em ônibus com os professores e acamparam no campus da universidade de Londrina para assistir ao congresso. Quer dizer, os estudantes de graduação gostavam, precisavam de um espaço, porque senão eles entravam como plateia nos núcleos de pesquisa, e eles não tinham ainda formação que permitisse participar da discussão. Então, eles atrapalhavam. De certa forma, atrapalhavam, e nós não estávamos formando ninguém. E, com essa participação no Intercom Júnior, na Iniciacom – depois, teve a Revista Iniciacom –, com isso, você começa já, desde a graduação, a formar o pesquisador. Porque é incrível: as pessoas têm dificuldade, apesar de ser Comunicação, de comunicar aquilo que elas aprenderam ou aquilo que elas criaram, de tornar público, de fazer com que aquilo circule. E é importante você ensinar o aluno a participar disso.

Quando esses espaços foram criados, isso era uma posição consensual na Intercom?

Sempre havia oposição. Você tem, em toda instituição, uma velha guarda e uma nova guarda. E as pessoas que são da velha guarda se sentem meio inseguras se as coisas começam a mudar muito. Então, elas querem segurar, elas querem que fique dentro daquele esquema que elas conhecem e que elas dominam. É difícil enfrentar o desconhecido. É normal, eu acho que toda instituição passa por isso. E a geração nova que vem vai trazer novas ideias e vai ter que descobrir como é que ela vai fazer para que os seus pontos de vista sejam aceitos. Às vezes, a gente ganha; às vezes, a gente per-



de. Não vou deixar de gostar mais da Intercom só porque nem sempre a minha posição foi a que prevaleceu. Acho que todos os presidentes da Intercom tiveram um dia sua ideia contrariada. Viver em sociedade é isso.

Você publicou os livros *Pesquisa em Turismo*, *Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Superior: uma Experiência no Curso de Turismo*, *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo*. Pode falar sobre esses seus trabalhos?

Esses meus trabalhos são fruto do trabalho que eu fiz com a interdisciplinaridade. Eu tenho trabalhos anteriores, tenho artigos anteriores mais teóricos, tenho os livros da Intercom que foram publicados. Mas os cursos de Turismo, como eu te disse, se você chegava no primeiro ano e começava a falar de metodologia científica ou metodologia da pesquisa, se você não aplicasse o aluno não prestava atenção e não sabia nem o que você estava fazendo ali na frente. Então, o que eu fiz? Eu comecei a pesquisar quais eram as metodologias que os autores que trabalhavam com pesquisa em Turismo utilizavam – em todos os lugares. Então, o primeiro que eu fiz foi *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo*, porque no curso de Turismo havia uma disciplina com esse nome, só que não tinha bibliografia nenhuma. Então, eu desenvolvi uma pesquisa de todos os métodos que eram usados, juntei, a partir de uma visão de metodologia científica, e fui encaixando aqueles modelos, que não eram modelos para ser seguidos, mas eram uma coisa que passava como uma orientação. E muitos dos exemplos que eu dou no livro eram exemplos de pesquisa que eu de fato fiz com os alunos. Isso dava um orgulho enorme para eles. Foi o *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo*. Como é que eu descobri quais eram as técnicas? Turismo era formado por um professor de Geografia, um professor de História, um professor de cada coisa – ninguém entendendo nada de Turismo. Eu comecei a assistir a essas aulas para ver o que o professor usava: que metodologia o de Geografia usava, o que o professor de planejamento usava... Eu assisti a essas aulas e comecei a anotar, para fazer, justamente, um material interdisciplinar. É muito engraçado: a Sidinéia Gomes Freitas, por exemplo, dizia que ela usava o meu livro em Propaganda, ela dizia assim: “Olha, você esquece a palavra ‘turismo’, porque é um livro de metodologia que qualquer um lê”. Foi um livro que eu fiz para o primeiro ano, e ele me surpreendeu porque começou a ser usado por alunos do final da graduação, e até por alunos que estavam na pós-graduação. Uma vez, me perguntaram: “Mas por que disso você não fez a sua tese?”. Eu disse: “Porque isso não é meu. Isso aqui, eu coletei, eu não concebi isso”. Eu juntei o material todo e organizei. Já o *Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Superior* foi a experiência que eu fiz, e aí foi que eu assisti às aulas e comecei a estabelecer um fluxo do que havia. Se as disciplinas caminhassem juntas, o aprendizado era muito melhor. Então, fazendo reunião com os professores, você não pode dar somente um tema interdisciplinar, você tem que estabelecer um

Às vezes, a gente ganha; às vezes, a gente perde. Não vou deixar de gostar mais da Intercom só porque nem sempre a minha posição foi a que prevaleceu. Acho que todos os presidentes da Intercom tiveram um dia sua ideia contrariada. Viver em sociedade é isso



fluxo de informação que vai alimentar esse interdisciplinar. Senão o aluno não faz. Vira uma colcha de retalhos: cada professor só olha se a sua parte está lá, não lê o trabalho inteiro – e não é interdisciplinar coisa nenhuma. Então, eu implantei um projeto com várias fases, e é isso que está descrito no livro da interdisciplinaridade. É como implantar um projeto. É um projeto muito difícil de implantar, eu reconheço. Já implantei mais de uma vez: implantei no Senac; nós implantamos no Fiam; consegui, na época que o curso começou na Unip, na Paulista, na década de 1990, nós conseguimos também implantar lá. Só que, conforme as coisas crescem, aí fica mais difícil. E é caro. Porque, por exemplo, eu entrava na sala de aula todo dia, e eles me remuneravam. Eu entrava mas eu recebia, embora eu não estivesse dando aula. Mas eu estava lá todos os dias. Foi muito interessante. É um livro que tem sido usado bastante em curso de Administração. Depois, eu fiz a parte de planejamento: *Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade*. Tenho *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*, que é quando eu comecei já a trabalhar no mestrado. Aí é todo um trabalho de pesquisa e um trabalho de participação de todos os professores. Por exemplo, o livro que eu fiz de planejamento turístico, cada professor escreveu um capítulo, mas não havia liberdade para ele fazer o que ele quisesse. Ele tinha um roteiro do que tinha que fazer, porque as partes tinham que combinar. Então, cada um me deu muito trabalho – esses livros –, embora eles tenham vários autores. Não tem nada mais indisciplinado do que um doutor. É difícil você conseguir: “Não, não é isso que eu quero. Você está falando muito difícil. Eu quero que você faça uma coisa que as pessoas entendam”. E eu gosto desse tipo de trabalho. Esse é um livro também que é muito bem-aceito. O de metodologia científica – esse, sim –, feito com a Sara Da Viá. Na realidade, eu me dei ao trabalho de pegar todos os textos dos cursos que ela dava na ECA e fazer junto com ela, transformar isso num livro. E esse, sim, seria um livro para ser usado, de metodologia da pesquisa, na pós-graduação, que é o *Pesquisa Empírica em Ciências Humanas*. Já é um livro que avança mais. Para mim, não existe planejamento sem pesquisa que anteceda e que avalie posteriormente. Então, o planejamento é uma consequência natural. E não tem como você intervir numa realidade se não for de forma interdisciplinar. Então, eu acho que tudo aquilo que eu escrevo se junta. E, para você conseguir um efeito, eu considero que a gente tem que partir da educação. Existe professor que dá aula de hospitalidade num curso de Turismo, sei lá, às vezes no nível técnico, e tem uma visão romântica da hospitalidade. Como se a hospitalidade fosse abrir a porta e deixar todo mundo entrar, e não é isso. A hospitalidade é sujeita a regras, ela é sujeita a leis, porque, se eu desobedecer uma dessas regras, uma dessas leis, eu vou ter a hostilidade. Eu vou ter o conflito. Então, eu as obedeço para poder viver em sociedade. Então, é muito interessante a gente pegar o homem cordial lá do Sérgio Buarque de Holanda, essa confusão que o brasileiro faz que basta ele dar um jeitinho, ele dar um sorriso... Quer dizer, ele não providenciou nada para o hóspede, não fez nada certo, mas, como ele ajudou o hóspede a resolver o problema que ele próprio criou por sua incompetência, ele é legal. Ou, então, ele acha que ser hospitaleiro é ser amiguinho do outro. A hospitalidade é a base da civilidade. É o que proporciona a possibilidade do diálogo. Por



isso, ela tem regras. Então, essa visão de transformar isso até em qualidade de serviço, em possibilidade de comunicação, em possibilidade de você fazer organismos internacionais para troca de ideias, entender que hospitalidade é respeitar o outro, aceitar o outro. Mas não significa que o outro tenha que ser igual a você. Ele vai ser sempre diferente, porque as pessoas são diferentes. E eu sempre tenho trabalhado um pouco tentando conciliar essas coisas. Eu acho que faço isso tanto na vida prática – quando eu coordenei, fiz esses trabalhos assim – como na parte teórica, nos livros e tudo mais. A hospitalidade, para mim, é a base da Sociologia, porque é o fundamento da relação humana. É o momento em que você se abre para o outro e começa a conversar, dialogar e parar de se agredir. É nessa hora que você começa a formar os grupos. Então, isso tem tudo a ver com a Comunicação.

A hospitalidade, para mim, é a base da Sociologia, porque é o fundamento da relação humana

Como você avalia esse trabalho de contar a história da Intercom por meio de depoimentos de pessoas que participaram ativamente dessa trajetória?

Eu acho que isso ajuda na reflexão, porque, na medida em que você conhece e recupera a sua história, você não comete os mesmos erros, ou pelos menos não deveria cometer. O ser humano, ele aprende com o erro dos outros. E eu acho que isso é muito importante. Esse entrevista me lembrou uma série de coisas que eu não estava lembrando. Eu já tinha me esquecido dos alunos de graduação, e isso foi uma coisa importante. É aquela história: de repente, alguém lá na frente vai aparecer com uma novidade que já não é novidade, que já existiu antes, que já tem uma experiência. Não significa que você não vá adotar lá na frente a mesma coisa, mas significa que você pode fazer uma releitura do passado e avançar com isso. Eu acho que é uma forma de a Intercom também fazer uma autocrítica, construir uma história, e eu acho extremamente relevante esse tipo de trabalho, porque a memória oficial não bate muito com a memória das pessoas. Quando eu recebi o prêmio de pesquisador emérito da Anptur, eles começaram a dizer: “É uma pessoa que fez isso, isso...”. E eu estava com uma amiga, a Susana Gastal, e falei assim para ela: “Mas quem será, hem?”.

